

Percorso de Cartola e Aquiles no romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida

Cartola and Aquile's journey in novel *Luanda, Lisboa, Paraíso*, by
Djaimilia Pereira de Almeida

*Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira**

**Universidade Federal do Amazonas (UFAM)*

Resumo: Este artigo trata da trajetória dos angolanos Cartola e seu filho Aquiles, personagens da ficção intitulada *Luanda, Lisboa, Paraíso*, de Djaimilia Pereira de Almeida, para se integrarem na sociedade portuguesa, os quais experimentam conflitos desde o preconceito ao tentarem se identificar com os indivíduos do lugar à morada e emprego insalubres, mas que também usufruem de momentos de alegria, em que revivem a infância e a redescoberta da amizade. Ao longo do percurso, ambos vão abandonando, quase sem perceber, grande parte de sua cultura e absorvendo outro modo de viver que os faz esquecer parte significativa da cultura de origem, mas não os aproxima dos indivíduos daquela cidade, colocando-os em um espaço fronteiro de duas sociedades. A ideia de Antonio Candido sobre os “espaços devoradores” e as estratégias de concentração de riquezas materiais pelas quais o poder expulsa e desumaniza indivíduos de culturas diferentes contribui para a discussão do modo como a supramencionada narrativa aborda poeticamente o drama dos dois imigrantes.

Palavras-chave: *Luanda, Lisboa, Paraíso*. Djaimilia Pereira de Almeida. Literatura e sociedade. Antonio Candido.

Abstract: This article deals with the trajectory of Angolans Cartola and his son Aquiles, characters from the novel entitled *Luanda, Lisboa, Paraíso*, by Djaimilia Pereira de Almeida, to integrate into Portuguese society, who experience conflicts like prejudice when trying to identify with individuals from the place and the unhealthy home where they live and they work. But also in this place they enjoy moments of joy, in which they relive childhood and they rediscover of friendship. Along the trajectory, both of them abandon, almost without realizing it, a large part of their culture and absorb another way of living although it does not bring them closer to the individuals of that city, but it places them in a space frontier. Antonio Candido's idea about the existence of “devouring spaces” and about the strategies for concentrating material wealth by which power expels and dehumanizes individuals from different cultures contributes to the discussion of how the aforementioned narrative shows poetically the drama of the two immigrants.

Keywords: *Luanda, Lisboa, Paraíso*. Djaimilia Pereira de Almeida. literature and society. Antonio Candido.

Introdução

Neste artigo, discorreremos sobre o deslocamento de Cartola e Aquiles para Lisboa para um tratamento de saúde que será ineficaz e os leva a ficar definitivamente no destino. Então, a viagem desses personagens corresponde a uma das motivações da migração.

A imigração, como sabemos, consiste no deslocamento de uma região a outra com a finalidade de encontrar melhores oportunidades de qualidade de vida do que aquelas apresentadas no lugar de origem, como a fuga de conflitos armados, de perseguição a etnias, busca por moradia, alimentação e instrução escolar, tratamento de saúde, trabalho e qualificação profissional, podendo o imigrante ter perspectivas de se radicar ou ficar temporariamente no destino. Neste sentido, há o risco de o imigrante criar uma expectativa que não corresponde à realidade do lugar para onde chega. Antes ele se torna vítima de discriminações às vezes violentas, fator que gera frustrações que podem fazê-lo retornar ao espaço de origem ou ficar no lugar imigrado sob condições insalubres que o obrigam à desumanização.

Para a abordagem, seguimos a observação de Antonio Candido de que se exige ao crítico literário “mergulhar na obra e intuir os seus valores próprios [...] num esforço de colocar em primeiro plano aquilo que lhe parece a realidade da obra estudada” (CANDIDO, 2002, p. 24-25), de modo a integrá-la no seu momento cultural e dela propiciar visão ampla que respeite sua unidade de conteúdo e formal. Este autor reconhece a dificuldade do crítico para analisar obras de seu tempo, porque ao mesmo tempo ele está preso “às menores injunções da hora” e toda obra “traz em si a marca efêmera das coisas circunstanciais” (CANDIDO, 2002, p. 28), mas ele deve enfrentar o desafio de explicar o momento com precisão e justeza, de modo a provocar reflexões em seus contemporâneos. Ele ressalta desse modo a importância da crítica contemporânea da obra publicada:

Interpretar a obra, numa palavra, em vista do que ela pode ter de explicativo do seu momento. Aliás, no nosso tempo, esta atitude se impõe. Não depende da boa ou má vontade do leitor, da maior ou menor habilidade do autor; é uma imposição como muitas outras a que não podemos nos esquivar. (CANDIDO, 2002, p. 26).

O romance *Luanda, Lisboa, Paraíso*, publicado em 2018, apresenta-se ao crítico, portanto, com os desafios a que se refere esse intelectual brasileiro e que são assumidos neste artigo para comentar uma das obras pelas quais alguns temas sociais intensificados desde a segunda metade do século XX são transfigurados poeticamente: a migração para a Europa

de indivíduos saídos de países recém declarados independentes politicamente do jugo colonial. Vamos tratar de questão delicada: o nascimento, no hospital de Luanda, de um personagem com um defeito no calcanhar a cujos pais prometeram que poderia ser feito tratamento eficaz na metrópole até 15 anos depois do nascimento da criança, fato que fez os responsáveis aguardarem a cura por tanto tempo.

1 Os personagens em cada espaço

Em Luanda, Cartola exerce múltiplas funções sociais – desde chefe de banco em um hospital a enfermeiro, parteiro, barbeiro, podólogo – tarefas que a ele conferem o respeito em Moçâmedes, lugar de onde o personagem depois se muda para Luanda, fato que ele sente como derrota. (ALMEIDA, 2018, p. 13).

Anos antes da viagem, pai e o filho já demonstram fascinação por Portugal, como se expressa no plano de Cartola de levar sua esposa Glória aos restaurantes de Lisboa, bem como no desenho da cidade lisbonense feito por Aquiles. E a imagem que ele cria desta cidade é fantástica, surreal, mas que, ao mesmo tempo, anuncia a experiência de preconceitos que o personagem e seu pai iriam sofrer, na impressão do dilúvio e de guerra suscitada pela imagem.

Aquiles gastou cinco sebatas de papel manteiga a desenhar e redesenhar Lisboa. O Tejo banhava a Baixa, fustigada por um dilúvio colorido a lápis de cera azul-vivo. Aqui e ali, avistavam-se porta-aviões desenhados ao pormenor a esferográfica. Além, um submarino era regido por espões vietnamitas e, perto do lugar onde à escala ficariam as Avenidas Novas, uma longa linha de coqueiros sombreava famílias de passeantes em biquini que piquenicavam à sombra entre cavalos brancos, ambulâncias, focos de incêndio e macacos com cara de homem.” (ALMEIDA, 2018, p. 12).

No entanto, a fantasia criada em torno de uma vida bem-sucedida em Lisboa é ironizada pelo narrador, ao enumerar os objetos selecionados por Cartola para colocar na mala de viagem, ação que indica a desorientação do personagem e revela, muito mais que a certeza, seu sentimento de indefinição do que irá acontecer durante sua estada naquela cidade.

Eram os despojos de uma cabana queimada: um relógio despertador, um estetoscópio, compressas de gaze esterilizadas, um diapasão, dois lacinhos, unguentos expirados, uma agenda inglesa antiga, isqueiros, fascículos de uma enciclopédia ilustrada, meias desirmanadas, uma colher de pau, uma coleção de canetas de tinta permanente, mercurocromo, lenços de bolso, uma navalha, a certidão de nascimento, a carteira profissional, meia dúzia de peças de roupa de Verão encardidas, dez maços de tabaco negro. Numa caixa de cartão embrulhou em papel de jornal um quilo e meio de mandioca e cinco bagres fumados, a bagagem de um corsário e não a de um pai aflito, muito menos a de um imigrante. (ALMEIDA, 2018, p. 24).

Não há sentido para levar na bagagem aquela variedade de objetos que se supõe não seriam utilizados pelo personagem, tendo em vista que Cartola ficaria em Lisboa apenas o tempo para o tratamento de saúde de seu filho.

No voo para Lisboa, Aquiles, adolescente, sente-se inseguro sobre o que aconteceria com ele e seu pai ao chegarem lá, porque o pai não lhe dizia onde iriam viver e lhe dava respostas vagas. Também a travessia do deserto do Saara, durante o voo, não apenas deixa Aquiles entrever a imensidão que separa a terra de origem da terra de destino, mas reitera a incerteza sobre como será a vida deles em Lisboa:

Quem os receberia? Onde dormiriam? Foi-lhe claro naquele instante que não viajavam para Portugal, mas para sempre. Sobrevoavam o Deserto do Sara quando, de cabeça caída sobre o peito, o pai lhe pareceu um velho pela primeira vez, o que apenas acentuava o facto de ter o calcanhar dormente. Que faria ele com aquele homem, se nem conseguia andar direito, nem tão-pouco conhecia Lisboa senão das histórias contadas pelo pai, aventuras em que um Rossio de sonho desaguava num rio de dúvidas e subia em sete colinas apenas de mistério, vigiadas por um castelo todo interrogativo? (ALMEIDA, 2018, p. 32).

A indefinição de Cartola com a estada em Lisboa se confirma pelo sentimento de abandono dos dois imigrantes quando ninguém os recebe no aeroporto. E a primeira impressão desta cidade mistura desencanto e esperança.

Ninguém os esperava no aeroporto, mas era Portugal. Cartola tinha em Lisboa um ou dois conhecimentos com quem se cruzara no passado. Fora um deles, um Dr. Barbosa da Cunha, obstetra de Coimbra com

quem trabalhara em Moçâmedes havia duas décadas, que intercedera junto da Embaixada por um quarto de na Pensão Covilhã, à saída do Hospital Ortopédico do Alvor, onde se iniciaram os tratamentos ao calcanhar de Aquiles daí a um mês.

Dentro de um táxi, com o olhar curioso de duas crianças, viram Lisboa pela primeira vez. Pareceu-lhes pequena e escura. Caía uma chuva miudinha. Aquiles colou o nariz à janela do banco de trás e um coração feito com o dedo apareceu no vidro embaciado. (ALMEIDA, 2018, p. 33).

Desencanto pela ideia de que, no espaço pequeno e escuro da cidade - e que se repete na chegada de pai e filho na pensão que cheira a mofo - prevalece a opressão e comportamentos ultrapassados de um mundo que se desintegra. Portugal não é o que os dois imaginavam. Esperança expressada em duas imagens: do coração desenhado por Aquiles no vidro embaciado do táxi que os leva do aeroporto à pensão e no canto do *Aleluia*, entoado por Cartola no quarto da pensão, pelo qual invoca uma força sobrenatural para os socorrer na tarefa de iniciar o tratamento do calcanhar de Aquiles, planejado por longos 15 anos. (ALMEIDA, 2018, p. 32-33).

O processo de assimilação de Cartola, iniciado desde que ele se tornou assistente de Barbosa em Moçâmedes, irá continuar. Mas se dará de modo violento, como num ritual de transformação a ele imposto, assim que o parteiro chega a Lisboa, ritual expresso na imagem da chuva que molha pai e filho enquanto caminham entre os prédios históricos margeados pelo rio Tejo. Aquiles percebe que a cidade fragiliza seu pai e o torna um menino “nascido de novo.” (ALMEIDA, 2018, p.40).

Barbosa, o anfitrião de Cartola e Aquiles em Lisboa, não consegue dar a atenção de que os angolanos precisam porque ele não recebe o mesmo reconhecimento profissional da parte de seus pares como tinha em Moçâmedes, nem é familiar na cidade como o era lá, embora ele tenha tentado, num primeiro momento, manter contacto com Cartola e o filho, quando jantaram juntos e planejou uma caçada. Aos poucos, porém, o médico português foi deixando os dois à própria sorte, culminando na recusa do médico em atender aos telefonemas de Cartola e fingir desconhecer Aquiles.

Com essa última ação mais violenta, extinguiu-se uma relação profissional que parecia amizade. Barbosa, que tinha sido o outro com o qual Cartola sempre se esforçou para se identificar – este movido primeiramente pela admiração do exercício da medicina daquele personagem, depois pela aproximação das famílias de ambos que se encontravam para jantar e conversar - afastou Cartola de sua vida em Lisboa. Enquanto Barbosa viveu em Moçâmedes e em Luanda, entre ele e Cartola houve, ao mesmo tempo, um sentimento de dominação e dominado que, no entanto, revelava estranha cumplicidade, marcada por certa frieza e

imposição de autoridade do primeiro e pela extroversão e obediência do segundo, cada um se auxiliando apesar de suas individualidades culturais, mostrando uma “união entre o ébano da graciosidade e o marfim do hábito.” (ALMEIDA, 2018, p. 43-44).

Essa relação, no entanto, envolve a estratégia do colonizador para dominar a cultura do outro e indica não apenas a incapacidade do primeiro de ultrapassar barreiras como também a impossibilidade de identificação entre ambos, mas sim a tensão entre as culturas. E, conforme nos lembra Albert Memmi, a isto corresponde o fato colonial, no qual há um limite para o colonizador tentar mostrar sua solidariedade aos dominados, porque “ele não é um deles e não tem vontade nenhuma de sê-lo [...] não pensa seriamente em partilhar com eles a existência, nem mesmo libertada” (MEMMI, 2007, p. 59).

2 A Pensão Covilhã

Dentro da cidade de Lisboa, a Pensão Covilhã representa um dos espaços de confinamento topográfico e social de indivíduos excluídos dos ambientes frequentados por pessoas abastadas. A atmosfera de insalubridade desse lugar projeta-se para os hóspedes que, para sobreviverem, fazem, entre si, empréstimos de dinheiro, objetos e os pagam com serviços. A casa lotérica Totoloto e a Ginjinha do Rossio configuram-se como outros espaços da exclusão na cidade, que dão aos expropriados a ilusão de que podem sair da marginalização para o usufruto de boa qualidade de vida, que, no entanto, os torna mais excluídos pelo desperdício do pouco dinheiro que têm ao se excederem e se degenerarem com o jogo e a bebida.

No local de trabalho, nos ambientes do hospital e da escola, a presença deles é permitida para que eles deixem seus escassos bens. Estes são “os espaços devoradores”, nomeados por Antonio Candido (1993, p. 89), por gerarem doenças físicas e psicológicas, onde são ignorados por indivíduos insensíveis a sua vulnerabilidade na doença, por serem expropriados dos míseros bens que ainda possuem, por depreciarem suas forças de trabalho, desqualificarem suas habilidades e capacidades intelectuais, levando o confinado à subalternização cada vez mais profunda, à desumanização.

Alguns espaços abertos também provocam a degeneração de vidas. No primeiro dia de caminhada de Cartola e o filho pelas ruas de Lisboa, o pai tem a impressão de que os monumentos são muito distantes uns dos outros e não são imponentes como ele imaginou, fato que o desorienta por se sentir enganado na ideia que lhe haviam inculcado de que Angola é parte do território português. Tempos depois, Cartola se junta a um grupo de indivíduos nas arcadas do Teatro D. Maria II, ouve notícias vagas dos parentes deles, mas não é ouvido por eles. E ele aprende a se tornar invisível:

Aprender a virar-se para dentro caminhando entre os outros como se, rodeado de gente, ninguém conseguisse fixar suas feições. A disciplina do desaparecimento exigia-lhe apenas o silêncio e não se dar a conhecer usando um “ora viva, chefe” da maneira mais vivaz que conseguia, evitando prolongar conversas, dispensando-se com evasivas em diálogos que não permitia que chegassem a acontecer. Conseguia a magia de passar pelos outros como um fantasma (ALMEIDA, 2018, p. 67-68).

Também depois que Aquiles se desfaz das lembranças de sua terra e de sua mãe, ele sente que se desintegra nas coisas, pessoas e animais degradados dos espaços abertos de Lisboa:

De noite, perde o medo: é da cor da cidade, caminha sem o fardo de ser visto, ninguém dá por ele. Tem a cor dos pombos, dos vagabundos, dos gatos, das putas do Cais do Sodré, cuja cara não distingue vendo-as de passagem, os seus cabelos caju lambidos, os lábios gastos; da cor dos táxis estacionados a ouvirem relatos, da cor dos telhados, das estátuas, da cor do céu. (ALMEIDA, 2018, p. 169).

Na disciplina do desaparecimento, embora os marginalizados ocupem determinados espaços juntos, eles não aprofundam as relações, antes, mantêm um tipo de afastamento por não se olharem, não se falarem nem se ouvirem, tanto para evitar sentir no outro as próprias carências materiais que reforçam o sentimento de impotência para reverter a situação quanto pelo desejo de desaparecer nas coisas. Essa atitude, porém, aprofunda o silenciamento de que eles são vítimas.

3 Mudança para o Paraíso

Um incêndio na Pensão Covilhã provoca a mudança de pai e filho para o bairro Paraíso, lugar dos indivíduos que foram afastados do centro da cidade onde moram os abastados e permanece, na arquitetura, a história gloriosa de Portugal. A mudança espacial opera também mudança psicológica, pois contribui para Aquiles continuar a deixar de se sentir angolano, transformação iniciada quando ele estava em tratamento no hospital: “Esse olhar de quem vê o mundo da cama, contrariado, a morder-se de raiva porque ninguém o ouve, ninguém acode, foi a sua nacionalidade assim que pisou em Lisboa.” (ALMEIDA, 2018, p. 57).

O espaço do bairro Paraíso possui pontos análogos ao espaço degradado de que trata Antonio Candido em sua análise de *L'Assomoir* (1877), consideradas as diferenças temporais e de estilo entre este romance de Zola e a ficção de Djaimilia Pereira de Almeida. Afinal, a marginalização dos dominados tem acontecido ao longo da história do Ocidente como a conhecemos e para delimitar o poder a esse mundo, se pudermos deixar de fora todo o Oriente e os povos de cultura predominantemente oral. Então, o Paraíso é o espaço insalubre onde estão confinados, social e topograficamente, os menosprezados do modelo de vida dos que possuem dinheiro.

A esse respeito, Candido escreve que os pobres são confinados a “lugares menosprezados, não porque o barrem ou expulsem, mas porque o submetem a uma série de restrições, que vão da má vontade e do riso à impossibilidade de adaptação.” (CANDIDO, 1993, p. 55-56).

No entanto, algo positivo acontece no espaço insalubre do Paraíso, pois Cartola estreita amizade com Pepe, cubano imigrado e antigo morador do lugar. Acrescente-se a isso a presença de um menino chamado Iuri, que desperta nos dois amigos a alegria, a memória da infância e até o sentido de responsabilidade com a educação da criança. Embora em seu ambiente de trabalho ele seja invisibilizado, no bairro Cartola encontra em Pepe e Iuri ânimo para sua existência, apesar de se sentirem identificados pela situação de miséria de seus mundos. Esses momentos não impedem o pessimismo de Cartola por saber que todos os seus projetos foram frustrados, como diz a Aquiles no dia de Natal: “‘Feliz Natal, mestre Aquiles. Está quase em Lisboa, a nossa caravela’, disse-lhe a voz embargada. ‘Terra à vista, Papá. Estamos quase lá, meu kota’”. (ALMEIDA, 2018, p. 164). A essas frustrações soma-se a perda dos Cartola, pois a infância de Iuri é interrompida violentamente e Pepe mata-se por se sentir culpado. Novamente, pai e filho ficam sem amigos e estreitam a companhia um do outro.

4 Personagens em processo de desumanização

Retomamos nosso comentário feito em parágrafos acima de que a presumida amizade entre Barbosa e Cartola estimulou a imaginação do segundo sobre Lisboa como espaço para fazer amigos, com lugares belíssimos para frequentar, para comprar roupas elegantes e para usufruir de excelente culinária. No entanto, à medida que Barbosa se afasta de Cartola, esse imaginário se deteriora, e os personagens angolanos descobrem ser impossível se tornarem portugueses, além de perceberem que suas bases culturais não estão apenas distantes no espaço, mas também ficaram no passado, restando delas apenas reminiscências. Talvez por isso eles não cogitem mais retornar para Luanda. Eles agora são

estranhos amálgamas dessas duas culturas, são sujeitos outros que estão em construção conforme as demandas do tempo e espaço que a eles se impõem. Desse modo, eles começam a se configurar como outros que mostram germes de uma resistência a tudo aquilo que eles imaginavam que eram, às identidades que eles pensavam ter, enganosamente relacionadas com a cultura de origem inseparável da cultura de destino, bem como indicam o início da oposição à ideia preconcebida a respeito da cultura do país de destino. Todos esses fatores suscitam o surgimento de outros modos de olhar o outro que os marginaliza e de buscar alternativas de construir um pertencimento a esse outro espaço e tempo ainda por ser definido ao longo de suas vivências. Assim, não apenas a história de Luanda, mas também de Angola, não apenas a cidade de Lisboa, mas também Portugal inteiro estão envolvidos nesse início de uma transformação social que somente daqui a alguns anos será entendida como fato provocado pelo conflituoso encontro de uma geração de imigrantes no antigo império.

Exemplo da mudança tratada no parágrafo acima é a operada em Cartola que, para sobreviver em Lisboa, tenta se despojar de sua cultura para assumir essa outra que a ele se impõe, passando a ideia de que assim ele não sofrerá. Mas o personagem se dá conta de que isso é impossível: “O pai de Aquiles queria vomitar Luanda, mas ainda não conseguia; queria livrar-se da primeira vida, mas ela fazia-lhe frente; passar à próxima etapa, mas era ainda o mesmo homem.” (ALMEIDA, 2018, p. 52) Esse dilema o irá acompanhar por algum tempo, mas ele agirá, de certa maneira com mais determinação, para romper com suas origens e enfrentar o lugar de destino, conforme o trecho:

Cartola olhou o Tejo de frente e deu-lhe alguns minutos. Adiante, à superfície, vogava um bidão de plástico arrastado pela corrente. E, como o rio não suportasse olhá-lo a direito nem lhe respondesse, desconversando num marulhar ambíguo, o homem tirou a cartola, jogou-a à água, e virou as costas. (ALMEIDA, 2018, p. 229).

O pessimismo de Cartola, e que seu filho expressa em trechos do romance, poderia nos levar a perguntar se haveria mecanismos pelos quais eles ultrapassassem o entre-lugar, tendo em vista que eles reconhecem que deixaram o modo de vida do lugar de suas origens e que não conseguem se inserir no lugar onde agora sobrevivem. Estamos longe de testemunhar essa mudança, pois as reflexões suscitadas pelo romance *Luanda, Lisboa, Paraíso* remetem ao olhar crítico de Antonio Candido para a bruta realidade que vivenciamos e para a qual ainda não conseguimos solução:

em comparação a eras passadas chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza. Isso permite imaginar a possibilidade de resolver grande número de problemas

materiais do homem, quem sabe inclusive o da alimentação. No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima, servida frequentemente pelos mesmos meios que deveriam realizar os desígnios da racionalidade. Assim, com a energia atômica podemos ao mesmo tempo gerar força criadora e destruir a vida pela guerra; com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países como o Brasil, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria. (CANDIDO, 1995, p. 235).

Cartola e Aquiles são condenados à desumanização pela irracionalidade de um sistema que insiste em concentrar na posse de poucos a riqueza material, em segregar indivíduos em espaços sem infraestrutura, e contra o qual eles buscam sobreviver e resistir.

5 Alusão a uma história

Outra questão suscitada no romance, e que está completamente entrelaçada à discussão acima feita, gira em torno do personagem Aquiles. Na sua construção ficcional, observamos a alusão ao contexto da luta pela independência de Angola. Ele nasce com uma anomalia no calcanhar em 1970, coincidindo com a época em que o Movimento Para a Libertação de Angola se dissolveu em três partes devido a discordâncias sobre os modos pelos quais eles lutariam pela independência do país, fato que acirrou o contexto da guerra colonial. Somente em 1974, as alas do MPLA se reuniram, após a expulsão de alguns membros. Aquiles completa 15 anos em 1985 e viaja a Lisboa para fazer algumas cirurgias que lhe fariam corrigir o calcanhar e passar a andar corretamente. No entanto, o tratamento não é bem-sucedido. Nesse ano, acentuou-se a luta armada entre o MPLA e a UNITA, incentivada pela interferência dos EUA, União Soviética, Cuba e África do Sul, tensão que seria finalizada somente em 2002, quando a UNITA desmobilizou seu grupo armado e se tornou partido político. A propósito, algumas cartas de Glória dão notícia das agruras da guerra civil em Angola. Em 1988, Cartola comemora os dezoito anos de Aquiles em um *self-service*, ocasião em que diz ao filho: “A partir de hoje você é um homem, Papá Aquiles, Aqui nessa terra ninguém sabe quem és, por isso podes ser toda a gente.” (ALMEIDA, 2018, p. 75). No mesmo ano, acontece a independência da Namíbia, em um acordo entre Angola, África do Sul e Cuba, e pelo qual esses dois últimos países se propõem a parar de interferir nas lutas em território angolano. Neste sentido, a anomalia no calcanhar de Aquiles que o faz mancar remete aos entraves políticos de um país que ainda estava construindo as bases de

sua recente independência.

Nas alusões a trechos da história de Angola estrutura da narrativa, observamos o olhar crítico do narrador a respeito da relação conflituosa entre este país e Portugal, pouco tempo após a independência, devido à ideia, na ocasião, de que ainda predominava o olhar de subalterno dos indivíduos do país africano para si próprios atrelada à manutenção do estereótipo de que os angolanos estavam imaturos politicamente para administrar aquele território.

Conclusão: Em Lisboa, Aquiles continua manco

Mesmo morando em Lisboa, os imigrantes Cartola e Aquiles encontram-se em um lugar intermediário no qual refletem - timidamente porque apenas para eles próprios ou porque inferem o pensamento um do outro - sobre o estereótipo usado na estratégia discursiva eurocêntrica que marginaliza a cultura diferente ao persistir em colocá-la dentro de ideias fixas, preconceituosas e destruidoras. Essa situação impede os personagens não apenas de assumirem, mas também de viverem, com relativa proximidade, dos costumes dos portugueses, e são empurrados para o entrelugar que determina a eles alimentação, moradia e trabalho precários, retira seus direitos a tratamentos de saúde eficazes abandonando-os à própria sorte, chegando a restringir e segregar suas relações pessoais.

Vemos, portanto, que a história dos dois personagens se amplia para as histórias dos imigrantes de tantos outros centros urbanos, mostrando as problemáticas do final do século XX e do início do século XXI, em que se entrecruzam e se chocam experiências antigas, que aos poucos vão se tornando reminiscências, com outras emergentes, com as quais os indivíduos estão sendo, em muitos casos, arrastados para a margem da sociedade.

Referências

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. *Luanda, Lisboa, Paraíso*. Lisboa: Companhia das Letras Portugal. 2019.

CANDIDO, Antonio. “Degradação do espaço”. In: _____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades. 1993. p. 55-94.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: _____. *Vários escritos*. 3. edição revista e

ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-263.

CANDIDO, Antonio. “Notas de crítica literária – ouverture”. In: _____. *Textos de intervenção*. Seleção, apresentação e notas de Vinicius Dantas. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. p. 23-30.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

RITA DO PERPÉTUO SOCORRO BARBOSA DE OLIVEIRA

Doutora em Letras - Literatura Portuguesa pela na PUC-Rio. Professora do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). É autora do livro *Sophia – poema de mil faces transbordantes*, resultado de sua tese defendida na PUC-RIO. É líder do GEPELIP (Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa).

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2602637105704791>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-6817-5569>

E-mail: ritapsocorro@gmail.com, ritapsocorro@ufam.edu.br